



# Um pesadelo para a classe média

por James Morgan (\*), no Financial Times

Algo está acontecendo às classes médias. Em todo o mundo desenvolvido, elas sentem como um vago pressentimento, um desencanto de "fin de siècle" com a política, com a recuperação econômica que as está deixando de lado, ou até como a forte estocada de desemprego.

Contudo, parecem suficientemente prósperas e poucas delas poderiam explicar o que, se é que há algo, temem. Esse pensamento me ocorreu nas últimas férias de família em um hotel do interior da França. Os hóspedes eram um grupo satisfeito, apesar dos temerosos espelhos da sociedade erguidos pelos jornais que estavam lendo. Casais gorduchos consumiam uma garrafa de Veuve Clicquot como aperitivo de um cardápio de 300 francos (US\$ 60), acompa-

dados na IBM, BP, BT, Siemens e assim por diante. Esses "fornecedores de empregos", como os alemães os denominam, não conseguem manter nas suas folhas de pagamento os treinados para empregos que poderão ser desnecessários em alguns anos.

## Egoísmo feroz

Há um aumento paralelo de contratação de curto prazo, mais vigorosamente em países como França e Espanha onde os regulamentos trabalhistas são anormalmente rígidos. O número de pessoas com contratos temporários nesses países cresceu seis vezes nos seis anos após 1985.

Hoje, a realidade dominante é de um mundo imprevisível, pós-industrial. Uma manifestação clara disso é vista naqueles países em que esse processo está mais desenvolvido, os Estados Unidos e a Inglaterra. Ali o número de pessoas considerado auto-empregado aumentou 75% em fins dos anos 80. Nos Estados Unidos, o emprego temporário quase triplicou entre 1985 e 1994.

E essa tendência é acompanhada pelo empobrecimento moderado. Desde que a atual recuperação norte-americana começou em 1991, a renda familiar média caiu todos os anos, de US\$ 38.129 em 1991 para US\$ 36.959 em 1993. Poucos acreditam

trabalho em outros lugares. Ele é o equivalente contemporâneo do trabalhador rural, expulso da terra onde era meeiro, mas fornecendo seus serviços ao ex-empregador na época da colheita. Ele não tem nenhuma vocação, é "multiespecializado". É o biscateiro da classe média, o proletário do clube de golfe.

## Modos proletários

A "multiespecialização" é sinônimo da ascensão do faz-tudo executivo. Ele assume tarefas antes relegadas a funcionários de baixo escalão, só mais um aspecto da proletarização da classe média. Quando o ex-

mas está voltando agora aos padrões das classes inferiores de séculos anteriores. Este é o motivo de o feminismo moderno ser normalmente caracterizado por modos de falar e trajar agressivamente proletários.

Há tentativas de deter essa tendência – o anacrônico Capítulo Social do Tratado de Maastricht é a mais óbvia. Ele está orientado para a idéia de uma força de trabalho unificada, trabalhando sob condições tradicionais, com poderosos sindicatos para garantir o cumprimento da fórmula. Esta abordagem ao mercado de trabalho não tem nenhuma relação com a realidade emergente do mercado

camisas, o gênero diferenciado pela furadeira portátil e o balde de tinta. A chegada de visitas pode indicar um breve descanço da intensa progra-

mação de trabalho, mas logo são incorporados ao mundo em que a falta de lazer é um aspecto dominante.

Nenhuma classe, por mais endinheirada que seja, tem muita paz, já que a residência se tornou local de trabalho, a segunda residência requer atenção eterna e o iate exige manutenção. Assim, aceitamos o oxímoro familiar, "a indústria do lazer", que expulsou a classe do lazer.

A indústria é uma consequência do novo risco de vida da classe média. Um grupo aparentemente seguro e próspero sente a necessidade de construir defesas firmes contra um universo imprevisível e se refugiar em um mundo privado. A ameaça

de 300 francos (US\$ 10), acompanhado por um vinho tinto decente.

Partiriam no dia seguinte em seus Peugeot e Passats para a rodada seguinte de hedonismo moderado ou para as residências em Bruxelas ou Berna. Em nenhum momento nos últimos dois séculos, essa classe de europeus pareceu mais segura. É o mestre de um modelo de sociedade disponível. Não está ameaçada por revolta civil, raiva da classe trabalhadora ou ideologia alternativa. Os bônus governamentais produzem retornos verdadeiros.

### Testemunha do declínio

É a maior beneficiária do estado previdenciário moderno. A burguesia reivindica a aliança e, talvez, até a participação na maioria. A única sombra de violência que ameaça essa existência supostamente segura provém do horizonte tradicional. Tribos exóticas dos Bálcãs travam batalhas assassinas perante um público incapaz de entendê-las, dividido entre a apatia e a indignação, entre a simpatia e o desdém.

A grande classe média ocidental é preocupada ao máximo. Está testemunhando seu próprio declínio; o colapso do socialismo coincidiu com o avanço de um novo proletariado.

Não é apenas que a burguesia que enfrenta uma versão superior do que costumava ser conhecida como a questão social. Milhões estão desempregados, famílias prósperas são atingidas pelo flagelo europeu ocidental. A suposta vitória da burguesia sobre a rebelião marxista é acompanhada por um mergulho em uma crise meio-entendida de insegurança.

A classe média, não apenas na Europa, sofre do que em certa época eram considerados os problemas só dos mais pobres. Os problemas dos menos privilegiados são compartilhados por aqueles que sentiram que sua posição social tinha garantido sua imunidade.

Os que sentem que são vítimas dessa reviravolta reconhecem que algo mudou. As máquinas de emprego do século 20 deixaram de funcionar normalmente. Os grandes empregadores tornaram-se os maiores desempregados. As manchetes contam a mesma história dia-após-dia outro: milhares de empregos per-

seis vezes nos seis anos após 1985. Isso leva a um feroz egoísmo entre os que antes eram empregados como membros de uma equipe ou grupo trabalhador.

Anteriormente, neste século, uma revolta contra a modernidade era alicerçada na perda de individualidade. Movimentos políticos e artísticos o fascismo e o futurismo expressaram a opinião dos que se sentiam dominados por uma sociedade sobre a qual eles não tinham controle, e que parecia oferecer somente pobreza sistemática.

Como Max Weber escreveu quando discutia o que ele chamava de ordem econômica moderna, há 80 anos: "Esta ordem está agora vinculada à condição técnica e econômica da produção de máquinas que hoje determina a vida de todos os indivíduos que nascem dentro deste mecanismo... Talvez determinará a vida até que a última tonelada de carvão mineral seja queimada".

Weber achou que ser escravo da máquina era o destino da humanidade. Mas isso passou e, junto, a criticada uniformidade, agora substituída por um individualismo desesperado. Isso também está destruindo a uniformidade em que se baseou a prosperidade da classe média: a hierarquia executiva da empresa moderna; o emprego vitalício garantido pela aquisição de uma qualificação profissional na segunda década de vida da pessoa ou pelo concurso do funcionalismo público. Desse modo, a palavra que forneceu o alicerce da prosperidade da classe média, "carreira", está ficando tão sem sentido quanto foi para o trabalhador horista nos últimos séculos.

### Um mundo imprevisível

Alguns analistas vêem um futuro sombrio de diminuição de retornos no mercado de capitais, criminalidade crescente e um ambiente físico e social rapidamente em deterioração em uma sociedade decadente. Mas esses são sintomas e não a causa do mal do presente momento. A insegurança da burguesia hoje é baseada não em inimigos externos tangíveis, mas na conscientização de que a roda da fortuna poderá passar sobre os bairros da classe média como já esmagou as favelas das grandes cidades.

36.959 em 1993. Poucos acreditam que seus filhos serão mais ricos do que eles próprios.

A vida ativa da classe média não é o que forneceu os alicerces culturais deste século. Galsworthy, Ibsen, Thomas Mann e Sinclair Lewis teriam dificuldades de encontrar um arquétipo para esta era.

Mas ele existe. O novo homem da "classe média" de hoje vive sem pensar no futuro, encontrando trabalho ocasional onde puder, desprotegido por qualquer sindicato, sustentado ao acaso por previdência social. O arquétipo contemporâneo é o executivo demitido. Ele se estabelece como "consultor", trabalhando na base eventual para a empresa que o dispensou e encontrando sobras de

### CINEMA

## "Cidadão X", ótimo

do The Wall Street Journal

Esta história sobre a busca de um "serial killer" é baseada no livro de Robert Cullen ("The Killer Department"), ex-chefe da sucursal em Moscou da revista Newsweek, sobre um caso real.

O cenário é uma União Soviética, onde a ideologia impera e crimes como assassinatos em série são vistos como existentes apenas no Ocidente decadente. Em 1982, porém, a descoberta de vários corpos mutilados fez com que as autoridades reconsiderassem e permitissem uma busca - obstruída, todavia - ao assassino que acabaria por matar cerca de 52 pessoas em Rostov sobre o Don. Esta busca, cuja paixão é evocada aqui com expressiva economia, tomou oito anos sofridos da vida do detetive Viktor Burakov.

A produtora HBO se superou neste caso, com um elenco que inclui Joss Ackland e

ção da classe média. Quando o gerente se torna "auto-empregado", suas certezas e status desaparecem, e ele é lançado de volta aos seus próprios recursos. Como sua empresa, ele ficou sem as tradicionais camadas de proteção.

Enquanto isso, seu filho se forma e encontra trabalho em lanchonetes de "fast-food". Sua mulher instala uma agência de digitação para computador enquanto sua filha viaja aos Estados Unidos em busca de trabalho. As palavras "ele" e "ela" podem ser trocadas nessa situação, porque o estereótipo de gênero está desaparecendo na criação da nova classe de trabalhadores.

O ato de "estereotipar" foi aperfeiçoado pelo triunfo da burguesia,

Max von Sydow. Donald Sutherland faz o papel de Fetisov, o único policial superior que pode ver no rosto calmo e com marcas de tristeza de Burakov a tenacidade e a fibra moral que irá derrotar o assassino. Soberbamente concebido e interpretado, este filme de intenso suspense (escrito e dirigido por Chris Gerolmo) é admirável em todos os sentidos - mesmo pela inteligência. Ele pode se vangloriar pela presença de emoções profundas, raramente encontradas em filmes sobre assassinos seriais e similares. Como o especialista forense, desgastado pelo trabalho, colocado no papel de detetive, um homem digno em face da humilhação pelos burocratas, Stephen Rea dá o que é, até o momento, a performance da temporada. ■



a realidade emergente do mercado de trabalho. É o último espasmo burocrático diante da desintegração da força de trabalho.

Deste modo, ao contrário dos clichês dos pesquisadores de opinião pública, o proletariado não está assumindo a classe média. O que acontece é o oposto, a burguesia está se transformando na classe trabalhadora. Entretanto, não é o proletariado marxista que está retornando triunfantemente ao centro do palco social, mas o trabalhador pré-industrial, procurando trabalho eventual onde puder encontrar.

Ele está repleto de especialidades não imaginadas por seus ancestrais, e a pobreza raramente é uma perspectiva imediata. Mas é porque, uma vez que ele encontra trabalho, como seu ancestral, há fartura disso. Tendo deixado o mundo da empresa, ele precisa fornecer sua mão-de-obra a preço que é radicalmente inferior ao do empregado. A única maneira de fazer isso é com o aumento do fornecimento.

### O domínio do trabalho

Outra vez, é a França, surpreendentemente, que está registrando algumas das mudanças mais radicais. O Ministério do Trabalho no país descobriu que 44% dos executivos estavam fixando suas próprias horas de trabalho, acima dos 36% em 1984. A proporção dos trabalhadores que precisam trabalhar nos fins de semana está crescendo e todos os que estão escolhendo suas próprias horas estão trabalhando mais. Houve um acentuado aumento do número de executivos que trabalham dez horas ou mais por dia.

É o domínio do trabalho que marca nossa época. Há quase cem anos, Thorstein Veblen escreveu o estudo social definitivo da sociedade industrial, *The Theory of the Leisure Class* ("A teoria da classe do lazer"), no qual mostrou que era a rejeição do trabalho que distinguia a classe superior: "Tanto assim que existiam muito poucos da classe superior que não possuíssem uma repugnância instintiva pelas formas vulgares de trabalho".

No entanto, quem visitar uma mansão inglesa hoje em dia encontrará um casal trajando velhos jeans e

um mundo privado. A ameaça não provém de qualquer fonte externa, mas do próprio sistema que a classe média erigiu e deveria controlar.

A falta de controle sobre vastos segmentos de sua existência é a marca das classes mais baixas de qualquer era. Para compensar, adotaram, com o tempo, uma solução coletivista mediante a criação de sindicatos para retornar ao poder. Mas a classe média de hoje está atomizada demais na sua sociedade pós-industrial para sentir solidariedade: o coletivismo mal existe fora de alguma atividade rudimentar de rede e ação ambiental.

Um reflexo dessa "proletarização" geral está evidente naquela área mais ou menos definida por estilo, moda e cultura. Durante séculos, a "cultura popular" representou uma versão acessível de cultura elevada e foi organicamente relacionada a ela. Hoje a situação está invertida; a cultura popular dá o tom para uma ampla faixa de atividade artística. A moda e a música já são totalmente proletarizadas; a elegância e a harmonia estão reunidas em áreas de conservação cultural. Jornais da faixa superior do mercado dedicam páginas a lixo de música rock. Cantoras líricas cantam música dos Beatles.

### Trabalhador ocasional

O horista burguês está mergulhando de volta em uma espécie de quase alfabetização. Mas ele possui ferramentas que assegura, quase, que isso pouco importa. Ele pode emitir suas mensagens em uma máquina de fax, um computador corrigirá ortograficamente seus erros mais frequentes. Poderá ficar rico. Não pretende tornar-se um "gentleman", e ficaria embaraçado se assim fosse chamado. Novamente é um trabalhador ocasional, vendendo suas especialidades a quem tiver necessidade. Nenhuma promoção é possível e a auto melhoria vem no aproveitamento de oportunidades e em fornecer novas habilidades técnicas. Mas ele dominará a sociedade, e a ditadura do novo proletariado finalmente terá chegado. ■

(\*) Correspondente econômico do Serviço Mundial da BBC